

COLUNA

Carnaval 2025

QUEM TEM MEDO DE XICA MANICONGO NO CARNAVAL? : A TRAVESTI QUE MORA NA FUMAÇA DO G.R.E.S TUIUTI

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

A Paraíso do Tuiuti acertou em cheio ao escolher Xica Manicongo como tema do seu enredo para 2025. A escola, que nos últimos anos se consolidou como uma das mais afiadas no debate social dentro do Carnaval, agora mergulha na história da primeira pessoa trans registrada no Brasil colonial. E convenhamos, a Tuiuti sabe como transformar narrativas invisibilizadas em potentes espetáculos na Sapucaí. Xica Manicongo era uma pessoa escravizada em Salvador no século XVI, e seu nome aparece em documentos da época como alguém que vestia roupas femininas e exercia o ofício de alfaiate. Mas, para além dos registros oficiais, sua existência simboliza a resistência da população LGBTQIA+ negra desde os primórdios do Brasil. Ao trazer essa figura para o desfile, a Tuiuti não apenas resgata uma personagem histórica, como também coloca em cena uma discussão fundamental sobre identidade de gênero.

Quando Xica Manicongo chegou ao Brasil no século XVI, o país ainda era uma colônia portuguesa regida pelas Ordenações do Reino, especificamente as Ordenações Afonsinas e, posteriormente, as Ordenações Manuelinas. O

¹ Professor Assistente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

ordenamento jurídico da época refletia a moralidade imposta pela Igreja Católica, e práticas entendidas como "sodomia" eram severamente punidas. Inspiradas no direito canônico e nas tradições inquisitoriais, essas leis criminalizavam qualquer comportamento sexual que fugisse do modelo heteronormativo e reprodutivo, chegando a prever penas brutais, como a fogueira, para quem fosse condenado. No contexto colonial, essas normas eram aplicadas de maneira seletiva e muitas vezes usadas como instrumento de controle social, especialmente contra pessoas escravizadas e indígenas. O caso de Xica Manicongo, registrado como alguém que vestia roupas femininas, sugere que existiam expressões de gênero diversas que desafiavam as rígidas normas impostas pela colonização. O fato de seu nome ter sido mencionado em documentos históricos indica que, mesmo diante da repressão, corpos dissidentes resistiram e deixaram suas marcas na história do Brasil.

No século XVI, em muitas sociedades africanas, a homossexualidade e as identidades de gênero não eram vistas com a rigidez moral imposta pelo cristianismo e pelo colonialismo europeu. No Reino do Congo, de onde Xica Manicongo provavelmente veio, existiam práticas e expressões de gênero diversas que não se enquadravam nos moldes binários ocidentais. O próprio sistema social do Congo permitia relações homosociais e até reconhecia figuras que hoje poderíamos entender como não conformes ao gênero designado ao nascer. Nos relatos históricos, há menções a sacerdotes e figuras espirituais que se vestiam de maneira distinta do esperado para seu gênero, muitas vezes associados a cultos religiosos ou funções especiais dentro da comunidade. Um exemplo são os ngangas, sacerdotes e curandeiros que mediavam a relação entre os vivos e o mundo espiritual.

Outro exemplo são os kitembos, figuras associadas a cultos ancestrais e aos poderes dos espíritos, que muitas vezes rompiam com a norma binária de gênero, vestindo roupas consideradas femininas ou masculinas de acordo com o ritual ou a posição social que ocupavam. Esse fenômeno não era incomum em outras partes da África, onde líderes religiosos muitas vezes possuíam uma performance de gênero

híbrida, simbolizando sua conexão com o divino. A religião predominante no Reino do Congo era baseada no culto ao deus supremo Nzambi Mpungu, criador do universo, e na veneração dos espíritos ancestrais, os bakulu. Os rituais envolviam danças, sacrifícios e a comunicação com o mundo espiritual por meio dos ngangas. A crença na existência de um mundo invisível interligado ao mundo material permitia uma fluidez nas relações sociais e identitárias, algo que foi brutalmente reprimido pelo cristianismo imposto pelos portugueses a partir da conversão do rei Nzinga a Nkuwu ao catolicismo em 1491. Diferentes grupos étnicos africanos possuíam concepções próprias sobre gênero e sexualidade, e a condenação de práticas homoafetivas só se tornou mais evidente com a influência cristã e islâmica trazida pelo contato com europeus e árabes.

Luiz Mott, um dos principais antropólogos e historiadores brasileiros a estudar a história da população LGBTQIA+ no país, encontrou o registro de Xica Manicongo nos arquivos da Inquisição, especificamente em documentos da Visitação do Santo Ofício na Bahia no século XVI. Esses registros eram produzidos pelos inquisidores portugueses que vinham à colônia para investigar e punir comportamentos considerados pecaminosos pela Igreja Católica, incluindo a “sodomia”, como era chamada qualquer relação homoafetiva ou identidade de gênero dissidente. A Paraíso do Tuiuti nos brinda com um debate sobre os arquivos históricos, que são fundamentais para revelar histórias apagadas e trazer à tona personagens como Xica Manicongo. Muitas dessas narrativas ficaram invisibilizadas porque a história oficial sempre privilegiou os registros dos colonizadores, ignorando as vozes das pessoas escravizadas, indígenas e dissidentes. No entanto, os documentos da Inquisição, por mais que tenham sido produzidos por uma estrutura opressora, acabam sendo uma das poucas fontes que registram a existência dessas pessoas, ainda que sob o viés da perseguição.

A descoberta de Xica nos arquivos foi essencial para que ela pudesse ser resgatada e reconhecida como um dos primeiros nomes LGBTQIA+ da história do Brasil. Essa mesma importância se reflete nos enredos das escolas de samba, que

muitas vezes se baseiam em documentos históricos para recontar histórias de resistência. O Carnaval se tornou um espaço onde narrativas marginalizadas podem ser celebradas, trazendo para a avenida personagens que o Estado tentou silenciar. Foi assim com enredos como “Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia”, da Beija-Flor (1989), que abordou a exclusão social, e “História para Ninar Gente Grande”, da Mangueira (2019), que ressignificou os heróis nacionais. A condição dos arquivos públicos no Brasil é, infelizmente, precária. Sofremos com a falta de investimentos, infraestrutura inadequada, risco constante de incêndios e enchentes, além da burocracia que dificulta o acesso de pesquisadores e da população em geral. O descaso do Estado se reflete no sucateamento de instituições como o Arquivo Nacional, que já passou por cortes orçamentários severos, e no trágico incêndio da Cinemateca Brasileira, que destruiu parte irreparável do patrimônio audiovisual do país. Sem políticas de preservação adequadas, corremos o risco de perder documentos fundamentais para entender nossa própria história.

No Brasil, existem diferentes tipos de arquivos que guardam informações essenciais sobre nossa trajetória. Os arquivos públicos, como o Arquivo Nacional e os arquivos estaduais e municipais, guardam registros administrativos, documentos históricos e processos judiciais. Os arquivos eclesiásticos, mantidos por dioceses e paróquias, guardam registros de batismos, casamentos e até inquéritos inquisitoriais, como os que mencionam Xica Manicongo. Os arquivos privados, pertencentes a famílias, instituições ou empresas, muitas vezes contêm cartas, fotografias e registros que complementam as histórias oficiais. Já os arquivos audiovisuais e iconográficos, como os da Cinemateca ou do Instituto Moreira Salles, preservam imagens, filmes e registros visuais que ajudam a compor a memória nacional. O desfile das escolas de samba, por sua vez, é um dos poucos momentos em que o grande público tem acesso a essas histórias de forma emocionante e acessível. É um ato de educação pelo samba, onde o arquivo morto vira narrativa viva. Ao colocar Xica Manicongo na avenida, a Paraíso do Tuiuti retira dos documentos da Inquisição uma figura historicamente marginalizada e a transforma em protagonista. O Carnaval assume esse papel pedagógico, recuperando

personagens e episódios que deveriam estar nos livros didáticos, mas que só chegam às massas graças ao esforço das escolas de samba. Preservar arquivos é garantir que esses enredos continuem existindo, para que o passado não se perca e para que o samba continue sendo um professor da nossa história.

Falar de uma travesti na estrutura de uma escola de samba é um ato de resistência, especialmente em um país onde a transfobia é uma realidade brutal e institucionalizada. O Brasil segue como o país que mais mata pessoas trans no mundo, e essa violência não é apenas fruto do ódio individual, mas de uma estrutura que se sustenta no preconceito. Durante o governo Bolsonaro, essa transfobia foi escancarada como política de Estado: cortes em políticas públicas para a população LGBTQIA+, discursos abertamente preconceituosos e a promoção de figuras que disseminam ódio fizeram parte da cartilha bolsonarista. Foi um governo que negou direitos básicos, desmantelou o Conselho Nacional LGBTQIA+, incentivou a censura de exposições e materiais didáticos e tratou a diversidade de gênero como uma ameaça. Bolsonaro e sua base política transformaram a transfobia em bandeira eleitoral, alimentando um moralismo acre que legitima a violência. Não é coincidência que, durante esse período, travestis e pessoas trans tenham sofrido ainda mais com o desemprego, a precarização da vida e o abandono estatal.

É nesse contexto que a Paraíso do Tuiuti traz Xica Manicongo para a avenida. Um enredo que não é apenas sobre o passado, mas sobre o presente. Sobre corpos que foram perseguidos desde a Colônia e que ainda são caçados hoje. A escolha da escola é um tapa na cara dos que tentaram apagar nossa história e uma resposta a um governo que tentou nos empurrar de volta para a margem. Quando a Tuiuti colocar uma travesti no centro da Sapucaí – e terão muitas delas lá! –, estará reafirmando que o Carnaval é, sim, um território de luta, onde a cultura popular vence o ódio e onde a história dos marginalizados se transforma em potência. Falar de Xica Manicongo é também celebrar todas as travestis que vieram antes e que seguem abrindo caminhos, enfrentando um país que insiste em negar sua existência. A história das travestis brasileiras não começa nem termina na perseguição: ela é

feita de luta, de reinvenção, de inteligência e de arte. Por isso, é fundamental saudar aquelas que, em diferentes frentes, desafiaram o preconceito e construíram possibilidades para as próximas gerações.

Salve Joyce Alves, gigante da militância e da academia, que transformou o espaço universitário em um território de resistência para pessoas trans! Salve Megg Rayara, mulher de axé, que nos ensina sobre fé, cultura e identidade! Salve Letícia Nascimento, que nos dá ferramentas para pensar raça e transgeneridade de forma indissociável! Salve Jaqueline Gomes de Jesus, referência indispensável no debate sobre direitos humanos, trabalho e inclusão! Salves as muitas mulheres trans e travestis que dignificam o Carnaval 2025 com suas potentes energias!!! Agora, para terminarmos com o samba na ponta da língua, vamos à letra escolhida pela Paraíso do Tuiuti?

A cada 34 horas

Há um assassinato de pessoa LGBTQIAPN+

Colocando o Brasil como número 1 neste tipo de morte violenta

Por isso, trazer luz à história de Xica Manicongo é fundamental

O paraíso do Tuiuti é Xica

Todas somos Xica

Xica vive na fumaça

Vim da África Mãe, ê-ô

Mas se a vida é vã, ê-ô (mumunha)

Kimbanda me fiz, nganga é raiz

Eu pego o touro na unha

Ê pajubá

Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê

Ê mojubá

Põe marafo, fubá e dendê (pra Exu)

Ê pajubá

Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê

Ê mojubá

Põe marafo, fubá e dendê

Só não venha me julgar, ô-ô

Pela boca que eu beijo

Pela cor da minha blusa

E a fé que eu professar

Não venha me julgar

Eu conheço o meu desejo

Este dedo que acusa

Não vai me fazer parar

Faz tempo que eu digo não

Ao velho discurso cristão, sou Manicongo

Há duas cabeças em um coração

São tantas e uma só, eu sou a transição

Carrego dois mundos no ombro

Vim da África Mãe, ê-ô

Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha

Kimbanda me fiz, nganga é raiz

Eu pego o touro na unha

Vim da África Mãe, ê-ô

Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha

Kimbanda me fiz, nganga é raiz

Eu pego o touro na unha

(Eu sou) a bicha, invertida e vulgar

A voz que calou o cis tema

A bruxa do conservador

O prazer e a dor

Fui pombogirar na jurema

Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha

As perseguidas na parada popular

E a Mavambo reza na mesma cartilha

Pra quem tem medo, o meu povo vai gritar

Eu, travesti

Estou no cruzo da esquina

Pra enfrentar a chacina

Que assim se faça

Meu Tuiuti

Que o Brasil da terra plana

Tenha consciência humana

Xica vive na fumaça

Ê pajubá

Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê

É mojubá

Põe marafo, fubá e dendê (pra Exu)

Ê pajubá

Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê

É mojubá

Põe marafo, fubá e dendê

Só não venha me julgar, ô-ô

Pela boca que eu beijo

Pela cor da minha blusa

E a fé que eu professar

Não venha me julgar

Eu conheço o meu desejo

Este dedo que acusa

Não vai me fazer parar

Faz tempo que eu digo não

Ao velho discurso cristão, sou Manicongo

Há duas cabeças em um coração

São tantas e uma só, eu sou a transição

Carrego dois mundos no ombro

Vim da África Mãe, ê-ô

Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha

Kimbanda me fiz, nganga é raiz

Eu pego o touro na unha

Vim da África Mãe, ê-ô

Mas se a vida é vã, ê-ô, mumunha

Kimbanda me fiz, nganga é raiz

Eu pego o touro na unha

(Eu sou) a bicha, invertida e vulgar

A voz que calou o cis tema

*A bruxa do conservador
O prazer e a dor
Fui pombogirar na jurema
Chama a Navalha, a da Praia e a Padilha
As perseguidas na parada popular
E a Mavambo reza na mesma cartilha
Pra quem tem medo, o meu povo vai gritar*

*Eu, travesti
Estou no cruzo da esquina
Pra enfrentar a chacina
Que assim se faça
Meu Tuiuti
Que o Brasil da terra plana
Tenha consciência humana
Xica vive na fumaça*

*Ê pajubá
Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê
É mojubá
Põe marafo, fubá e dendê (pra Exu)
Ê pajubá
Acuendar sem xoxar pra fazer fuzuê
É mojubá
Põe marafo, fubá e dendê*

*Ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô*